

O desenvolvimento do setor de seguros no Brasil

TEXTO: MAX THIERMANN *

Para entender a atividade seguradora no Brasil é necessário contextualizá-la nas transformações pelas quais o cenário macroeconômico nacional passou nos últimos 20 anos. Sempre com o intuito de acabar com a inflação, o país passou por diversos planos econômicos, desde a década de 1980, com uma sucessão de pacotes anti-inflacionários e com choques de juros para reagir às crises econômicas internacionais.

O Brasil conseguiu superar a inflação com o Plano Real, lançado em junho de 1994. Com ele veio a tão sonhada estabilidade da economia e, consequentemente, novos padrões de consumo.

Na esteira desses acontecimentos, vale destacar a abertura do mercado, que foi impulsionada pelo processo de privatização - intensificado no fim dos anos de 1990 - e promoveu o ingresso de capital estrangeiro no país. A valorização do real praticamente equiparou a moeda brasileira ao dólar, entre 1994 e 1998 (regime de bandas cambiais), o que também contribuiu para aumentar o consumo, assim como promoveu um maior fluxo de turistas brasileiros no exterior.

Como consequência de todo esse processo, cada vez mais o consumidor brasileiro teve seu poder de compra ampliado e passou a ter acesso a bens e hábitos que antes não possuía. Esse panorama teve continuidade e ganhou força já nesse século com a condução da política econômica do atual governo, que, sem dúvida, fortaleceu o mercado interno, promoveu uma nova onda de ingressos de capital internacional, gerando empregos e resultando na ampliação do poder de compra da população e melhora na qualidade de vida.

As oportunidades do mercado brasileiro ultrapassam a faixa litorânea.

Cada vez mais surge, rumo ao interior, um novo Brasil dotado de desenvolvimento tecnológico ímpar tanto na indústria como no setor agrícola, especialmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Boa parte dos novos produtos destas regiões são destinados a exportação, o que requer a criação da infraestrutura necessária para suportar essa atividade.

O mercado segurador nacional não apenas acompanhou esse crescimento, como contribuiu muito para que ele fosse possível. Atualmente, o setor vive um momento muito interessante. A abertura do resseguro, que completou um ano em abril, trouxe mais de 60 novas empresas ao Brasil, entre corretoras, resseguradoras e seguradoras especializadas. Com elas, houve a geração de novos empregos e a atração para o país de profissionais com grande expertise no segmento. As seguradoras que ainda não tinham se preparado tiveram de investir na profissionalização de suas equipes. Com a demanda, surgiram novos cursos de especialização no país sobre o tema. Ou seja, a abertura do ressegu-

ro está promovendo um alto grau de profissionalização do mercado local.

Mas esse processo, apesar de estar sendo bem dinâmico e de já ter promovido várias mudanças, ainda está em fase de acomodação. Com isso, os principais atores do setor estão se realinhando entre aqueles que trabalham pela dispersão de riscos de produtos massificados e as seguradoras que focam na dispersão em escala global, direcionando sua atuação para seguros mais complexos.

Neste último campo, o Brasil está oferecendo grandes oportunidades, pelo tamanho e quantidade de obras de infraestrutura que envolvem a ampliação de rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, exploração de petróleo - com destaque para o pré-sal - e a expansão agrícola. Tais atividades estão movimentando os seguros de grandes riscos.

Nos produtos para pessoas físicas, o Brasil também apresenta potencial. Está se formando no país a geração que não conheceu a inflação e já



Construção de plataforma para exploração de petróleo pré-sal, um setor que movimenta seguros de grande risco

* Max Thiermann é presidente das operações da Allianz no Brasil.

investe em produtos de previdência complementar como o VGBL e PGBL para garantir seus rendimentos no futuro. Os próximos anos prometem boas oportunidades para esse mercado, pois quanto mais houver concorrência e comparação entre a rentabilidade dos produtos, mais vai se criar a cultura de se fazer previdência.

Em seguros, o processo é semelhante. Geralmente, existem duas formas do consumidor entrar em contato com o nosso setor. Uma delas se dá ao financiar um bem, como seu carro, por exemplo, e ter de fazer seguro. Com isso, vai percebendo os benefícios do produto e após ficar dono desse bem continua a renovar suas apólices.

O outro meio se dá através do emprego formal. Um dos benefícios mais valorizados pelo brasileiro é o plano privado de saúde. Ao tomar contato com o produto, o consumidor não quer mais abrir mão dele.

Tudo isso vem contribuindo para disseminar o seguro no país entre a população. No segmento empresarial, o mercado já está mais maduro e, conseqüentemente, mais exigente. Um importante estímulo tem sido o intercâmbio crescente das empresas brasileiras com o mercado internacional. Várias corporações que atuavam apenas no país se internacionalizaram nesta última década, assim como novas multinacionais aqui ingressaram. Com isso, há grande espaço para desenvolver os seguros de responsabilidade para produtos, seguros de crédito e outras modalidades como o D&O (Directors & Officers).

Atentas a esse processo e por possuírem a visão futura do negócio, as seguradoras globais estão ganhando mercado por entenderem como diferencial competitivo o fato de atuarem em vários países, podendo atender o cliente com a mesma qualidade e níveis de serviços do seu país de origem.

No momento, o seguro que ainda precisa ser melhor desenvolvido e divulgado no Brasil é o de responsabilidade civil. Se o consumidor local já adquiriu o hábito de proteger seus bens, o mesmo não acontece em relação a se resguardar dos danos que pode causar a outros. Mas essa é uma questão de tempo que inexoravelmente virá, pois o país está se desenvolvendo sobre estruturas sólidas.

Diante do exposto, torna-se claro que o setor de seguros nacional encontra-se em pleno crescimento, oferecendo muitas oportunidades para os agentes do segmento que tenham vasta experiência no mercado nacional aliada a expertise internacional.

Os solavancos da economia global, neste último ano, mostraram a capacidade de resiliência do país. A crise internacional teve reflexos em alguns setores da economia. Mas nos últimos meses houve a retomada do crescimento e as perspectivas são promissoras. ■

Umsetzung des Wachstumsprogramms PAC verzögert sich

Grund sind bürokratische Hindernisse

Nach einem Bericht der Wirtschaftszeitung *Valor Econômico* kommt es bei der Umsetzung des Konjunkturprogramms PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) zunehmend zu Verzögerungen. Als Gründe werden überwiegend bürokratische Hemmnisse, Probleme bei der Erteilung der entsprechenden Umweltgenehmigung und Beanstandungen durch den brasilianischen Rechnungshof TCU (Tribunal de Contas da União) genannt.

Das Programm wurde Anfang 2007 vorgestellt und läuft zunächst bis Ende 2010. Ziel ist die Verbesserung der Infrastruktur. Die Gesamtausgaben lagen zunächst bei R\$ 504 Mrd. und wurden inzwischen auf knapp R\$ 650 Mrd. erhöht. Ein Großteil der Investitionen entfällt auf Unternehmen.

Im kommenden Jahr soll nach den Vorstellungen der Regierung ein zusätzliches Wachstumsprogramm vorge-

stellt werden, mit dem die Verbesserung der Infrastruktur auch in der neuen Legislaturperiode fortgesetzt wird.

Die im Haushaltsplan vorgesehenen Ausgaben der öffentlichen Hand für das PAC beliefen sich 2007 auf R\$ 16,5 Mrd. Tatsächlich wurden nach Angaben von *Valor Econômico* mit R\$ 12 Mrd. nur 72% der Mittel ausgeschüttet. Im Jahr 2008 wurden von den geplanten Ausgaben in Höhe von R\$ 19 Mrd. nur R\$ 9,6 Mrd. verwendet. Für 2009 sind im Rahmen des PAC staatliche Investitionen in Höhe von R\$ 21,2 Mrd. eingeplant. Von diesen Geldern wurden kumuliert bis September erst R\$ 2,2 Mrd. ausgeschüttet.

Kritiker weisen in diesem Zusammenhang darauf hin, dass verschiedene Großprojekte entgegen den Erwartungen der Regierung erst in der neuen Legislaturperiode fertiggestellt werden.

(Quelle: www.ahkbrasil.com/wb/WB-37-2009.pdf)